



# O futuro na máquina

A primeira vez que o pai de um amigo, velho e rico fazendeiro goiano, viu um computador portátil nas mãos de um agrônomo que prestava serviço à sua fazenda, fazendo cálculos e com orientações para o gado — substituindo um punhado de empregados —, vaticinou: “O mundo vai acabar assim”.

Quando a internet ainda engatinhava, uma culta e querida amiga dizia a quem quisesse ouvir: “Isso não vai durar”.

A tecnologia assusta o ser humano desde que foram criadas máquinas para substituir o trabalho manual, dando início à Revolução Industrial do século 19. O trabalhador teve que se virar para aprender a fazer outras coisas, menos mecânicas, mais criativas.

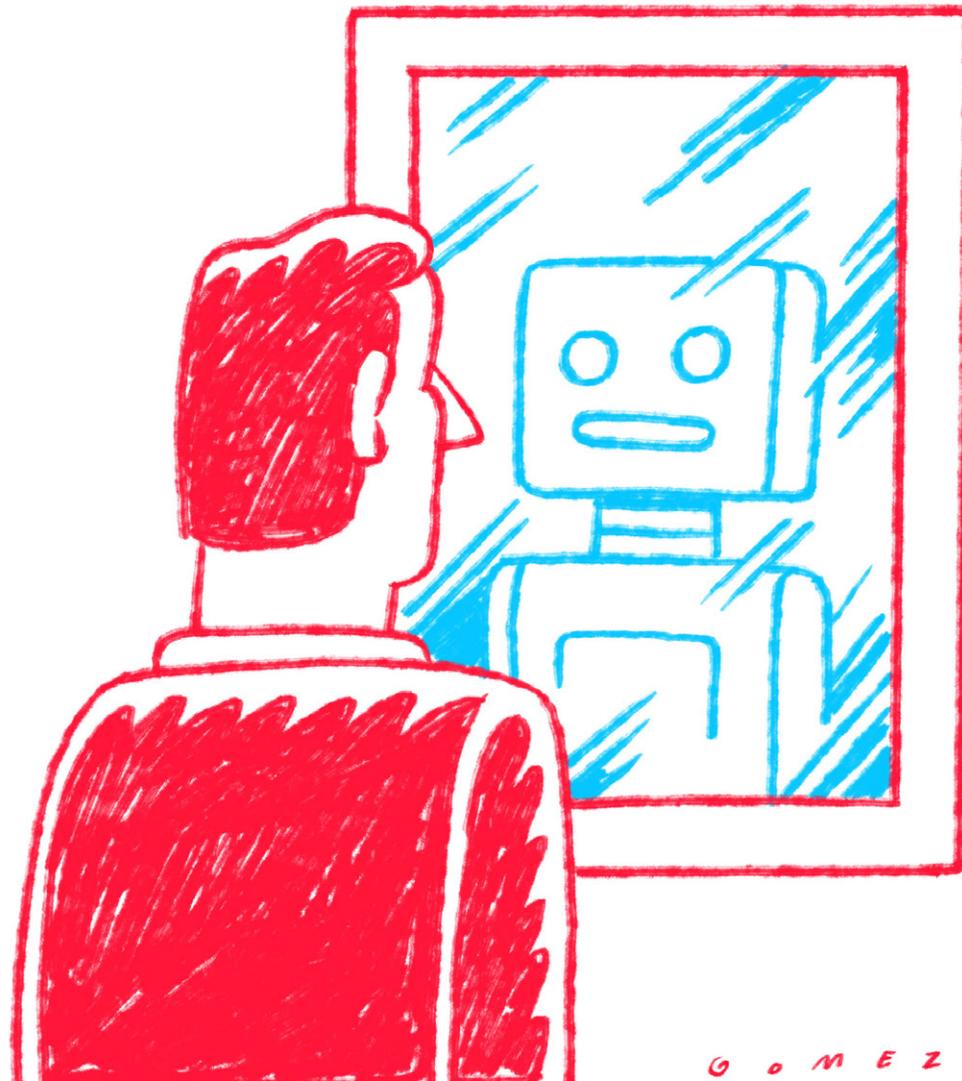
Estamos, mais uma vez, na encruzilhada: se a informatização mudou quase tudo, a Inteligência Artificial vai mudar ainda mais. E a única coisa certa é que, ao contrário do que aconteceu com os dinossauros, vamos nos virar mais uma vez.

Se tem gente que entrevista gente morta, por que eu não posso falar com uma máquina? Entrevistei (mesmo sem olhar no olho) a única fonte confiável nesse assunto: o ChatGPT.

O que vai mudar no mundo com a Inteligência Artificial?, perguntei. E ele (ela?, elu?), que já merece declaração entre aspas, fez uma longa digressão sobre impactos na automação, saúde, educação, economia, ética, ciência e interação entre homens e máquinas.

Foi tão criativo quanto um fabricante de tijolo. Mas reconheceu que as mudanças já estão acontecendo. Daí perguntei quais empregos iriam sobrar para os homens, e a IA preferiu responder — por enquanto eles são mais politicamente corretos do que um sociólogo — que muitas oportunidades iriam surgir, exigindo criatividade, empatia, habilidade social, tomadas de decisões complexas, impossíveis para a máquina.

Fiquei temeroso com o número cinco da lista, que enumera conselheiros, coaches e consultores, uma praga desde os tempos de Nicolau Maquiavel, que piorou muito com as redes sociais, dando origem a esses tais influenciadores, tão pedantes que nem traduzem o nome da picaretagem que fazem.



Mas esse problema é dos influenciados, gente que pensa como gado que, ao contrário do que cantava Vandrê, deve ser tangida e marcada. Essa resposta, porém, traz a certeza de que a máquina só está copiando a produção anterior dos humanos, uma compilação de lugares comuns, de frases que circundam as questões sem chegar a conclusão alguma. Mais ou menos como alguns homens públicos fazem.

Eu esperava que as respostas da máquina fossem mais diretas, mas o chat prefere ser politicamente correto. Se alguém pergunta quem descobriu o Brasil, antes de dizer o nome

de Cabral, ele (ela?, elu?) põe o verbo entre aspas. Se você pede uma definição de pessoa trans, recebe lição de moral no fim da resposta, sobre respeito à identidade de gênero.

Eu tinha esperança de que as máquinas pudessem redimir o homem, nos livrar de algumas convenções recentes que não ajudam a melhorar a harmonia das pessoas, mas vamos ter que esperar uma nova geração de computadores, menos sensíveis e mais pragmáticos.

Pergunto ao chat se ele pensa. “Não, eu não penso no sentido humano”. Acho bom saber, mas desconfio que é para disfarçar.